

Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais

Ethnobotanic of medicinal plants used in Vista Alegre district, Claro dos Poções – Minas Gerais

DOI 10.5935/2446-4775.20170007

¹FAGUNDES, Nathalle Cristine Alencar; ²OLIVEIRA, Gisele Lopes; ³SOUZA, Betânia Guedes *

¹Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

²Universidade Federal do Sul da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), Campus Paulo Freire, Teixeira de Freitas, BA, Brasil.

³Universidade Federal de Minas Gerais, campus Montes Claros-MG, Brasil.

*Correspondência: nath_faq@yahoo.com.br

Resumo

Um estudo etnobotânico do uso de plantas medicinais foi realizado em Vista Alegre, distrito de Claro dos Poções - MG, de Novembro/2009 a Maio/2010. Em um total de 37 pessoas, 22 mulheres e 15 homens foram entrevistados. A idade dos participantes variou de 29 a 90 anos, onde 46% apresentaram idade entre 61 e 76 anos e 19% entre 77 e 90 anos. Foram identificadas 101 espécies, utilizadas como medicinais, distribuídas em 46 famílias botânicas em que, as mais representativas foram Fabaceae (17 spp.) e Asteraceae (10 spp.). As espécies *Amburana cearensis* (IR = 2,0) e *Croton antisiphiliticus* (IR = 1,6) tiveram maior importância relativa. A maioria das espécies é nativa do Brasil (85%). Os resultados mostram que os informantes têm um grande conhecimento sobre plantas medicinais nativas da região. Portanto, este trabalho pode representar uma forma de resgate cultural, já que este conhecimento encontra-se nas pessoas mais velhas.

Palavras-chave: Cerrado. Comunidade rural. Conhecimento local.

Abstract

An ethnobotanical study on use of medicinal plants was conducted at Vista Alegre district, Claro dos Poções - MG, from November/2009 to May/2010. In a total 37 people, 22 women and 15 men were interviewed. The age of respondents ranged from 29 to 90 years, where 46% between 61 and 76 years and 19% between 77 and 90 years. They identified 101 species used in traditional medicine distributed in 46 botanical families, the most representative were Fabaceae (17 spp.) and Asteraceae (10 spp.). The species *Amburana cearensis* (IR = 2.0) and *Croton antisiphiliticus* (IR = 1.6) had higher relative importance. The species are mostly Brazilian native (85%). The results show that the informants have great knowledge of native medicinal

plants of the region; therefore, this work may represent a form of cultural revival, since this knowledge focuses on older people.

Keywords: Cerrado. Rural community. Local knowledge.

Introdução

A etnobotânica compreende o estudo das sociedades humanas e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas, abrangendo aspectos da diversidade biológica e cultural, contribuindo significativamente para o conhecimento de várias espécies de plantas medicinais e de espécies do Cerrado (OLIVEIRA, 2007; ALVES e POVH, 2013). Têm como característica básica de estudo o contato direto com as populações tradicionais, ao aproximar-se dessas populações é resgatado o conhecimento entre a relação do ser humano e das plantas de uma comunidade (RODRIGUES e CARVALHO, 2001). Estudos etnobotânicos possibilitam integrar o conhecimento empírico ao acadêmico, desempenhando papel importante no resgate e valorização da cultura local (MELO, LACERDA e HANAZAKI, 2008; VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014). Assim, podem subsidiar trabalhos sobre o uso sustentável da biodiversidade através da valorização e do aproveitamento deste conhecimento empírico que emana das relações de manejo e conservação das espécies pelo ser humano, incentivando a geração de conhecimento científico-tecnológico voltado para o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL e PEIXOTO, 2004; VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014). Tratando-se de plantas medicinais, esses estudos contribuem para a descoberta de princípios bioativos que podem ser validados cientificamente (OLIVEIRA e MENINI NETO, 2012) e utilizados também como forma alternativa à medicina convencional (OLIVEIRA e MENINI NETO, 2012).

Nesse sentido, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada através do decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006, considera a utilização das plantas medicinais como uma estratégia para o fortalecimento da agricultura familiar, geração de emprego e renda, uso sustentável da biodiversidade, avanço tecnológico e melhoria da atenção à saúde da população brasileira (BRASIL, 2006b). Entretanto, o descobrimento e a validação das propriedades medicinais através da análise do conhecimento empírico e científico são extremamente importantes (BRASIL, 2006a). O Brasil possui grande riqueza na flora medicinal utilizada, a maioria ainda desconhecida (OLIVEIRA e MENINI NETO, 2012). Assim, a conservação desses recursos constitui um grande desafio, não só do Brasil, mas dos países tropicais, onde está concentrada considerável parcela da biodiversidade mundial (DIEGUES, 2000; VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014).

O Brasil é um dos países de maior diversidade genética vegetal do mundo (VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014). Apesar da riqueza da flora brasileira e da ampla utilização das plantas medicinais pela população existe a necessidade de estimular estudos científicos acerca do assunto (VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014). Brasil (2006a) discorre sobre o descobrimento e a validação das propriedades medicinais através da análise do conhecimento empírico e científico, onde a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda aos órgãos de saúde pública de cada país que procedam ao levantamento das plantas usadas na medicina tradicional no âmbito regional, identifique-as botanicamente e estimule seu uso. Nesse sentido, Silva e Proença (2008)

ressaltam que, apesar de diversos trabalhos etnobotânicos retratarem o uso de plantas medicinais em diferentes regiões brasileiras, pouco foi investigado em áreas do bioma Cerrado.

Detentor de considerável diversidade biológica, o Cerrado é identificado como um dos mais ricos e ameaçados ecossistemas mundiais já que as espécies endêmicas (cerca de 44%) são mais restritas em distribuição, mais especializadas e, portanto, mais susceptíveis à extinção (KLINK e MACHADO, 2005; SCARIOT, SOUZA – SILVA e FELFILI, 2005). É um *hotspot* para conservação da biodiversidade mundial, pois 55% de sua área original já foi desmatada ou transformada pela ação humana, sendo considerada a última fronteira agrícola do planeta (KLINK e MACHADO, 2005). O saber local e as formas de manejo utilizadas pelas populações que habitam essas áreas são fundamentais na preservação da biodiversidade. Essas populações são detentoras de conhecimento popular sobre a espacialização e distribuição das espécies nativas em cada fitofisionomia de cerrado, o que possibilita um equilíbrio entre a exploração humana de espécies nativas e os aspectos naturais da dinâmica do Cerrado (DIEGUES, 2000; RIGONATO e ALMEIDA, 2003).

Apesar de diversos estudos etnobotânicos retratarem o uso de plantas medicinais em diferentes regiões brasileiras, pouco foi investigado em áreas do bioma Cerrado (SILVA e PROENÇA, 2008), especialmente no Norte de Minas Gerais. Assim, o objetivo do presente estudo foi levantar as espécies utilizadas com fins medicinais pela população do distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções-MG, identificá-las botanicamente, determinar o uso terapêutico, a enfermidade envolvida, a parte da planta utilizada e a forma de manipulação destas espécies, buscando conhecer mais sobre a flora local e fornecer subsídios para estudos farmacológicos e conservacionistas.

Material e Métodos

Área de estudo

Vista Alegre, situado na região norte do estado de Minas Gerais, também conhecido como Água Boa, é distrito do município de Claro dos Poções. Está localizado a 6,3 km deste, em latitude de 16°55'37,09" e longitude de 44°14'0,25". Claro dos Poções possui uma área total de 705.965km², com densidade populacional de 11,6hab./km², onde se insere a população do distrito de Vista Alegre (PREFEITURA DE CLARO DOS POÇÕES, 2015).

Os habitantes do distrito em questão caracterizam-se, de um modo geral, pela origem rural. A maioria possui sítios no entorno de Vista Alegre, onde praticam a criação de gado leiteiro, pequenas culturas de subsistência ou a plantação de cana de açúcar para fabricação de rapadura e cachaça. Em Vista Alegre, uma empresa de reflorestamento com eucalipto é a única que oferece emprego à população, além do comércio familiar constituído de pequenas vendas, padarias e mercearias, e da zona rural.

A vegetação local encontra-se impactada para a criação de gado, plantio da cana, ou do eucalipto, e existem áreas abandonadas, que se encontram em processo de regeneração natural a mais de 10 anos. As áreas conservadas estão, em sua maioria, restritas a matas ciliares ou áreas de encostas e topos de morro. Em Vista Alegre são observadas diferentes fitofisionomias do bioma Cerrado, sendo as mais frequentes o cerrado *sensu strictu*, campo cerrado, campo sujo, mata de galeria e cerradão (OLIVEIRA-FILHO e RATTER, 2002).

Inventário Etnobotânico

O trabalho de campo, dividido em duas etapas, foi realizado entre os meses de Novembro/2009 a Maio/2010, em visitas quinzenais ou mensais com duração de dois a três dias. A primeira etapa ocorreu nos dois primeiros meses, onde foram feitas visitas para conhecimento da população e, por meio de entrevistas informais, foi escolhido um informante-chave. De acordo com Melo e colaboradores (2008) informantes-chave são moradores locais indicados pelos próprios moradores como as pessoas que mais conhecem sobre plantas naquela determinada área. A partir do informante-chave iniciou-se a segunda etapa, empregando-se o método “bola-de-neve”, onde as indicações para as entrevistas partem dos próprios entrevistados, ou seja, após cada entrevista, o entrevistado indica a próxima pessoa com conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais a ser entrevistada (ALBUQUERQUE, LUCENA e ALENCAR, 2010). Durante a pesquisa etnodirigida foram ouvidos 22 mulheres e 15 homens, através de um formulário semiestruturado (ALBUQUERQUE, LUCENA e ALENCAR, 2010) totalizando 37 pessoas.

As entrevistas sobre o conhecimento e utilização de plantas medicinais foram realizadas mediante o consentimento formal dos entrevistados, que assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, exigido pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96). As amostras vegetais foram coletadas, prensadas, secadas em estufa, identificadas e tiveram sua origem biogeográfica pesquisada.

Análise de Dados

A Importância Relativa (IR) foi calculada de acordo com a fórmula de Bennett e Prance (2000), na qual o valor “2” é o escore máximo que pode ser obtido por uma determinada espécie. As espécies que obtiverem os valores mais altos são consideradas as mais versáteis e indicadas para um maior número de sistemas corporais. O uso desta técnica permite identificar a espécie mais importante, quando ela é mais versátil (SILVA et al., 2010). A IR foi calculada utilizando a fórmula $IR = \frac{NSC}{NSCEV} + \frac{NP}{NPEV}$ onde IR é a importância relativa, NSC o número de sistemas corporais obtido pela razão entre o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) e o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV). O NP é a razão entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

As espécies foram enquadradas nos seguintes sistemas corporais (categorias de doenças) segundo Oliveira (2007) e Almeida e Albuquerque (2002): Doenças infecciosas (DI), doenças parasitárias (DP), doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo (DGNM), doenças do sangue e órgãos hematopoéticos (DSH), doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo (DOC), doenças da pele e tecido subcutâneo (DPTS), transtornos do sistema visual (TSV), transtornos do sistema nervoso (TSN), transtornos do sistema circulatório (TSC), transtornos do sistema respiratório (TSR), transtornos do sistema gastrointestinal (TSGI), transtornos do sistema geniturinário (TSGU), afecções não definidas ou dores não definidas (AND), doenças sexualmente transmissíveis (DST), Neoplasias (N), Inapetência sexual (IS) e Picada de cobra (PC).

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 22 mulheres e 15 homens (n=37). As mulheres foram mais indicadas pelo método bola-de-neve, o que corrobora com diversos trabalhos etnobotânicos que apontam diferença entre gêneros, onde o conhecimento a respeito das plantas medicinais se encontra predominantemente entre o gênero feminino (VIU, VIU e CAMPOS, 2010; ALVES e POVH, 2013; VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014). Segundo Viu e colaboradores (2010), as mulheres têm valor histórico e cultural no que concerne às atividades desempenhadas no lar e no seu entorno, sendo responsáveis pela saúde e pela segurança alimentar da família, principalmente na zona rural, onde o conservadorismo ainda é bastante arraigado à cultura e à instituição familiar.

A faixa etária dos entrevistados variou de 29 a 90 anos, onde 12,5% dos entrevistados possuíam entre 29 e 44 anos, 22% entre 45 e 60 anos, 45% dos entrevistados possuíam entre 61 e 76 anos e 19% entre 77 e 90 anos. Assim, observou-se que a faixa etária entre 61 e 90 anos representou a forte maioria dos entrevistados (65%), mostrando que o conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais em Claro dos Poçoões está concentrado na faixa etária mais avançada encontrada durante o estudo.

Melo, Lacerda e Hanazaki (2008) em um trabalho realizado em espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do Sul, Florianópolis-SC, observaram que os entrevistados de maior faixa etária em geral são capazes de reconhecer um maior número de plantas do que os mais jovens. Este fato se explica pelo modo como o conhecimento local é adquirido e repassado, através das práticas e crenças desenvolvidas por processos adaptativos, que são transmitidos culturalmente entre as gerações (ALVES et al., 2008). Entretanto, a maioria dos entrevistados do presente estudo cita a perda da tradição de transmissão do conhecimento para as gerações sucessoras, principalmente pela desarticulação dos sistemas de vida tradicionais, pela falta de interesse dos próprios filhos e netos, ou pelo distanciamento, já que a falta de oportunidades no distrito de Vista Alegre obriga os jovens a migrarem para os grandes centros.

Esses entraves no repasse do conhecimento também são citados por Alves e Povh (2013), em um estudo etnobotânico em Ituiutaba, MG. Os autores afirmam que a perda dos conhecimentos a respeito das plantas medicinais e sua utilização podem culminar na perda dos aspectos da cultura local, reafirmando, portanto, a importância de estudos que promovam este resgate cultural.

Tais questões foram observadas por Rodrigues e Carvalho (2001) em levantamento etnobotânico no Cerrado, na região do Alto Rio Grande, sul de Minas Gerais, por Oliveira e Menini Neto (2012) em um levantamento etnobotânico de plantas medicinais no povoado de Manejo, Lima Duarte, MG, e por Vásquez, Mendonça e Noda (2014), em um levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Amazonas, sendo apontados os mesmos entraves à transmissão do conhecimento.

No presente estudo, a maioria dos entrevistados cita que a melhoria das condições de vida, aliada à facilidade de compra e promessa de cura rápida pelos remédios sintéticos fez com que a utilização das plantas medicinais como alternativa de tratamento ou manutenção da saúde acabasse por cair em desuso. Em um estudo de Hoeffel e colaboradores (2011) sobre o Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas Áreas de Proteção Ambiental (APAs) Cantareira/SP e Fernão Dias/MG citaram que os jovens apresentam desinteresse em aprender sobre a utilização de plantas medicinais, também devido ao

maior acesso aos medicamentos industrializados, e a demora na cura quando comparada aos “remédios de farmácia”.

Segundo Junior (2008), o processo de migração da população rural para a área urbana, e o aumento da urbanização nas cidades, contribuem para a perda do conhecimento sobre as plantas medicinais. Devido às condições de plantio e coleta das plantas ou pela falta de interesse no aprendizado de suas propriedades, percebe-se que as novas gerações estão perdendo este conhecimento, antes repassado pelos seus antepassados (JUNIOR, 2008).

Foram identificadas 101 espécies utilizadas como medicinais distribuídas em 89 gêneros e 46 famílias botânicas, que foram mantidas com a etnotaxonomia local a pedido dos próprios entrevistados (**TABELA 1**). Em um estudo com plantas nativas do cerrado no Assentamento Vale Verde, Tocantins, Bessa e colaboradores (2013) encontraram número semelhante de espécies (104), com um total de 100 pessoas entrevistadas, quantidade consideravelmente maior que a do presente estudo.

Macêdo, Ribeiro e Souza (2013), em um estudo sobre o uso e conhecimento de plantas do cerrado em Pernambuco, encontraram 46 espécies, com um total de 30 entrevistados, número de entrevistados semelhante ao do presente estudo, porém menor diversidade de espécies. A riqueza de espécies encontrada no presente estudo mostra que os entrevistados possuem amplo conhecimento a respeito do uso e preparo das plantas medicinais. Porém, como supracitado, esse conhecimento está caindo em desuso e pode ser perdido nas próximas gerações.

As famílias mais representativas foram Fabaceae (17 spp.) e Asteraceae (10 spp.), sendo a primeira citada por Mendonça (1998) como a família com maior número de espécies no Cerrado. A capacidade de fixação do nitrogênio, apresentada por algumas espécies da família Fabaceae, pode ser a estratégia de vida que lhe confere alta riqueza, uma vez que, além da riqueza, possuem também considerável abundância e alto poder adaptativo (SANTOS et al., 2007). De acordo com Freire, Abreu e Freire (1996) as espécies da família Asteraceae apresentam diversidade de propriedades medicinais devido à capacidade bioativa dos metabólitos secundários produzidos, principalmente terpenos, flavonoides e poliacetilenos, aos quais são atribuídas diversas propriedades medicinais.

Em um estudo bibliográfico de Neto e Moraes (2003) sobre recursos medicinais de espécies de cerrado de Mato grosso, as famílias que se destacaram em maior número de espécies medicinais foram Asteraceae e Fabaceae, resultados semelhantes aos do presente estudo.

Das espécies medicinais identificadas, a folha é a parte mais utilizada (32%), seguida da raiz (21%), planta toda (14%), casca (11%), entrecasca (10%), flores e sementes (4% cada). Fruto, resina, óleo e látex apresentaram 1% cada um. Essa preferência pela utilização das folhas tem sido reportada na literatura (OLIVEIRA, 2007; ALVES et al., 2008; OLIVEIRA e MENINI NETO, 2012; VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014), entretanto, a alta porcentagem de utilização da raiz e da planta toda não é comumente citada em outros trabalhos etnobotânicos e pode representar um risco à espécie utilizada, uma vez que pode diminuir os indivíduos daquela espécie nas áreas onde a mesma é coletada, podendo até mesmo culminar no seu desaparecimento, como salienta Rodrigues e Carvalho (2001). Por sua vez, o uso de casca e entrecasca costuma ser citado significativamente em estudos etnobotânicos, uma vez que constituem partes de melhor acesso e disponibilidade durante maior parte do ano (VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014).

A forma de preparo mais citada foi o chá (51%), citado no estudo de Vásquez, Mendonça e Noda (2014) como forma de preparo mais utilizado (68%), e também relatado por Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel (2007). Assim como observado por Vásquez, Mendonça e Noda (2014), os chás podem ser preparados por infusão ou decocção, variação que depende da parte da planta a ser utilizada. Para as partes mais tenras das plantas (folhas, flores, etc.) é utilizado o preparo por infusão, enquanto que para as partes mais duras (inclusive folhas coriáceas), é utilizado o preparo por decocção. As preparações medicinais também são feitas por maceração (25%), tintura (11%), banho (5%), sumo da folha (3%), alcoolatura (2%), nas formas *in natura*, suco e cataplasma (1% cada), além de xarope, vinho, doce e vapor (0,5% cada).

TABELA 1- Plantas medicinais citadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poçoões – MG.

Família/Nome Científico	Nome popular	OB	Indicações de uso	MP	PU	IR
ANACARDIACEAE <i>Anacardium humile</i> A. St. Hil.	Cajuzinho	BrCe ¹	Inflamação/infecção uterina, cicatrizante, Hipocolesterolmiante, hipoglicemiante.	CH MC TN	RZ	0,8 3
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçalo Alves	BrCe ¹	Cicatrizante, dor	MC CH CP	FL	0,3 8
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	Br ¹	Inflamação, cicatrizante afecções no fígado e próstata	CH BN MC	FL	0,7 6
ANONACEAE <i>Duguetia furfuraceae</i> (St.-Hil) Benth. & Hook	Pinha do mato	BrCe ²	Afecções dos rins, anti-diarreica.	CH MC	RZ CS	0,3 8
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Pimenta de macaco	BrCe ²	Dor de cabeça	MC	SM	0,1 8
AMARANTHACEAE <i>Gomphrena arborescens</i> L.f.	Para tudo	BrCe ¹	Todo tipo de doenças	CH	RZ	0,1 8
APOCYNACEAE <i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	BrCe ²	Hipocolesterolmiante, controle da diabetes, da hipertensão, antigripal, úlcera, corta tosse, chagas, anti-diarreica, gastrite estomáquica, coqueluche.	MC CH	LA CS RZ	1,3 5
<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Tiborna	BrCe ⁵	Depurativo do sangue Cicatrizante	CH	RZ CS	0,3 8
<i>Macrosyphonia velame</i> (St.Hil.) Muell. Arg.	Babadinha	BrCe ²	Anti-diarreica, antibiótica, afecções intestinais, depurativo, estomáquica.	CH MC SC	RZ PT	0,7 0
<i>Mandevilla illustris</i> (Vell) Woodson	Jalapa	BrCe ⁷	Depurativo, derrame, purgante, vermífuga.	CH MC	RZ	0,7 6
ARALIACEAE <i>Didymopanax morototonii</i> (Aubl.) Decne & Planch.	Sete Sangrias	BrCe ²	Controle da menstruação, hemorróidas, derrame, hipertensão, diminui viscosidade sanguínea.	CH BN	RZ FL	0,8 3

ARECACEAE <i>Mauritia flexuosa</i> Lf.	Buriti	Br ⁶	Mal-estar	TN	RZ	0,1 8
APIACEAE <i>Erygium pristic</i> Cham.	Infalível	Br ⁷	Antigripal, picadas de cobra, gases	CH	RZ	0,5 7
ASTERACEAE <i>Achyrocline satuireioides</i> (Lam.) DC	Macela	BrCe ²	Regula menstruação	CH	FL	0,1 8
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasto	Br ³	Inflamação uterina, cólica, quebra de resguardo.	CH	PT	0,3 2
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Agriãozinho	Ex ¹	Gripe	CH	PT	0,1 8
<i>Baccharis trimera</i> (Less) DC.	Carqueja	BrCe ¹	Estomáquica, cardiotônica, anticancerígena, afecções do fígado, depurativa, escabiose hipocolesterolmiante, anti-seborréica, diabetes.	MC TN	PT	1,3 2
<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho picão	AST ⁴	Vermífugo, afecções dos rins e fígado, antianêmico, hepatite, "amarelão" infantil.	CH	RZ FL PT	1,0 2
<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	Perpétua roxa	ND	Afecções do fígado, gases, dor no estômago.	MC CH	PT	0,4 5
<i>Lessigianthus</i> sp.	Enxota	ND	Fígado, coluna, cansaço, estomáquica, antidiarreica, gases.	SO CH	FL PT	0,9 0
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica caseira	AST ^{3,4}	Reumatismo, varizes	ÁL	FL	0,3 8
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	Ex ^{1,3}	Estomáquica, intestinal.	CH	FL	0,2 5
<i>Vernonia ferruginea</i> Less	Assa peixe branco	Br ¹	Bronquite, antigripal, tosse,	CH	RZ FR	0,4 5
BIGNONIACEAE <i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex de Souza	Levanta-seu-homem,	BrCe ¹	Impotência sexual	TN	FL	0,1 8
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Carobinha	BrCe ²	Estomáquica, chagas,	MC CH	RZ FL	0,3 8
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standl	Pau darco, ipê roxo	BrCe ⁷	Afecções dos rins, coluna, gastrite, cicatrizante, câncer.	CH MC	CS	0,9 9
<i>Zeyheria digitalis</i> (Vell.) Hoehne & Kuhn.	Cinco chagas	BrCe ²	Hemorróidas	CH BN	RZ	0,1 8
BIXACEAE <i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilger	Algodãozinho	BrCe ⁷	Infecção / inflamação uterina.	CH	FL RZ	0,3 8

BORAGINACEAE <i>Heliotropium indicum</i> L.	Crista de galo	Br ¹	Afecções uterinas, cólica menstrual.	CH	PT	0,2 5
CACTACEAE <i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	Coroa de frade	ND	Pressão, vitiligo, pano branco.	SC	FT	0,4 5
CARYOCARACEAE <i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi	BrCe ²	Afecções dos rins e do fígado.	CH	FL	0,3 8
CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Matruz	AST ³	Cicatrizante, antigripal, vermífugo antibiótico, anti-inflamatório.	CH	FL	0,6 3
CLUSIACEAE <i>Kielmeyera variabilis</i> Mart.	Pau santo	BrCe ²	Inapetência	MC TN	FL	0,1 8
CONVOLVULACEAE <i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata de purga	ND	Vermífugo, purgante.	D	RZ	0,3 8
CRASSULACEAE <i>Cotyledon orbiculata</i> L.	Bálsamo	ND	Gastrite	CH	FL	0,1 8
CUCURBITACEAE <i>Momordica charantia</i> L.	São Caetano	Ex ³	Estomáquica	Chá	FL	0,1 8
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha paulista	AST ¹	Sinusite	VP	FR	0,1 8
DILLENIACEAE <i>Davilla rugosa</i> Poir.	Sambaibeira	BrCe ²	Verruga	CP	FL	0,1 8
ERYTHROXYLACEAE <i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	Mercúrio	BrCe ²	Cicatrizante	AL	EC	0,1 8
EUPHORBIACEAE <i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Canela de perdiz, Alcanfor.	BrCe ²	Depurativo, cicatrizante, infecções, tireoide, dor, refrescante, furúnculo, antiinflamatório, anti-diarréico	CH	RZ	1,6 0
<i>Euphorbia hirta</i> L.	Santa Luzia	AST ⁴	Afecções dos rins, conjuntivite.	CH BN	PT	0,3 8
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	AST ³	Afecções dos rins.	CH	PT	0,1 8
FABACEAE <i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	Unha d'anta	BrCe ⁵	Derrame, estomáquica.	CH TN	EC	0,3 8
<i>Amburana cearensis</i> (Allemao) A.C.Sm.	Emburana de cheiro, Emburana	BrCe ¹	Gases, sinusite, prisão de ventre, calmante, cólica, antianêmico, antigripal, bronquite, dor no corpo, dor de cabeça, veneno de cobra, estomáquica.	CH X TN	SM CS	2,0

<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth) Speg.	Angico	BrCe ⁶	Gripe, bronquite, gastrite, intestinal, depurativo.	CH MC	RS EC	0,8 3
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata de vaca	Br ¹	Diabetes	CH	FL	0,1 8
<i>Bauhinia glaba</i> Jacq.	Escada de macaco	ND	Afecções dos rins e fígado, coluna, reumatismo.	CH TN	PT	0,6 3
<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.	Miroró	BrCe ⁵	Afecções dos rins, inchaço, cicatrizante	CH MC	FL EC	0,3 8
<i>Clitoria guyanensis</i> (Aubl.) Benth.	Durão	BrCe ²	Cicatrizante, impotência sexual, crianças que demoram a caminhar.	CH TN	FL	0,5 7
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Pau dóleo	Br ¹	Cicatrizante, perda do líquido sinovial, artrite, reumatismo, bronquite, dor nos membros inferiores, antigripal.	CH	OL EC	1,0 8
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Focinho de boi	Br ¹	Afecções do fígado e dos rins, intestinal, antidiarreica, infecção e febre.	SO CH	FL PT	0,9 0
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	Favela, Fava d'anta	BrCe ¹	Estomáquica, dores gerais.	CH	SM	0,3 8
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá	BrCe ⁶	Afecções do fígado, gastrite, estomáquica, infecção, pneumonia, bronquite, coluna, bico de papagaio.	MC VN TN	EC CS	1,0 1
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	Sucupira	BrCe ¹	Reumatismo, artrose, infarto, cicatrizante, antiinflamatório, bronquite, inapetência, gastrite, estomáquica.	TN MC	SM	1,3 5
<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Benth.	Catinga de porco, pau de doutor	BrCe ⁵	Estomáquica, antidiarreica, dor na coluna, gastrite, depurativo, cicatrizante, hipoglicemiante, vermífugo.	MC CH TN	EC	1,3 1
<i>Senna cathartica</i> (L.) H. Irwin et Barneby	Seno do mato	Br ⁷	Intestinal, antigripal, febrífuga Purgante, prisão de ventre, emagrecedora.	CH	FL	0,7 0
<i>Senna Ocidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	AST ¹	Antigripal, febrífuga, purgante, estomáquica.	CH	RZ SM	0,5 1
<i>Senna uniflora</i> (P. Miller) Irwin & Barneby	Fedegosinho	Br ¹	Dor de cabeça, intestinal.	CH	RZ	0,3 8
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	BrCe ²	Cicatrizante, depurativo, gastrite, intestinal, úlcera, ginecológico, infecção, antiinflamatório.	MC BN TN	CS EC	0,9 6
JUNCACEAE <i>Juncus effusus</i> L.	Junco	AST ⁷	Afecções do fígado, dores.	CH	RZ	0,3 8

LAMIACEAE <i>Leonurus sibiricus</i> L.	Chá de porrete, Erva mineira	Ex ⁴	Estomáquica, afecções do fígado, digestivo, calmante, dor de cabeça, antidiarreica, intestinal, azia.	SO CH	PT FL	0,9 7
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Pépetua, alfazema	AST ¹	Dor nos ossos, antidiarreica.	TN CH	FL	0,3 8
<i>Ocimum</i> sp.	Alfavaca	Br ⁷	Infecção uterina, gripe, tosse.	CH	FL RZ	0,5 7
LECYTHIDACEAE <i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá	Br ⁷	Gastrite, câncer, inflamação uterina, úlcera, mata <i>Helicobacter pylori</i> .	CH MC	CS	0,7 0
LYTHRACEAE <i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Pacari	BrCe ⁶	Gastrite, antiinflamatório, afecções dos rins e fígado, anti-diarréica, úlcera	CH MC TN	FL RZ EC	0,9 0
LOGANIACEAE <i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.Hil.	Quina de papagaio	BrCe ⁷	Afecções do fígado, antigripal antianêmica, estomáquica, depurativo.	MC CH TN	RZ EC	0,8 3
MALPIGHIACEAE <i>Byrsonima basiloba</i> A. Juss	Murici	BrCe ^{1,2}	Infecção, DSTs, depurativo.	CH	CS RZ	0,5 7
MALVACEAE <i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Barriguda	BrCe ⁷	Hipocolesterolmiante	MC	CS	0,1 8
<i>Waltheria douradinha</i> A. St.- Hil.	Douradinha do campo, Douradinha	Br ¹	Hipertensão, depurativo, calmante, afecções dos rins e fígado	MC CH	FL PT	0,9 5
<i>Waltheria indica</i> L.	Malva Branca	BrCe ¹	Todo tipo de doença, anti-inflamatório, gastrite.	CH	FL RZ	0,4 5
MELIACEAE <i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro	Br ⁶	Depurativo, escara, pano-branco.	CH BN	CS	0,4 5
MENISPERMACEAE <i>Cissampelos ovalifolia</i> D.C.	Buta	Br ¹	Estomáquica	MC IN	RZ	0,1 8
MORACEAE <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Carapiá	Br ¹	Corta febre, nasce dente em criança, catapora, sarampo, antidiarreico.	CH	RZ FL	0,9 0
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Mama - cadela	BrCe ²	Vitiligo	CH	RZ	0,1 8
MYRSINACEAE <i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Burle	BrCe ²	Afecções dos rins, coagulante, vitiligo, calmante.	CH	RZ FL	0,7 6
MYRTACEAE <i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaita, Vagaitera	BrCe ⁵	Hipertensão, diarreia, gastrite afecções dos rins e fígado, estomáquica, calmante.	MC CH	FL	1,0 8

PIPERACEAE <i>Piper aduncum</i> L.	Jaborandí	Br ¹	Reumatismo	CH	RZ	0,1 8
PHYTOLACCACEAE <i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipí, gambá	Br ¹	Dor de dente, prisão de ventre, reumatismo.	CH	FL RZ	0,5 7
PLANTAGINACEAE <i>Plantago major</i> L.	Transagem	Ex ³	Antiinflamatória, infecção, ginecológica, antigripal, afecções da garganta.	MC CH	FL RZ	0,9 0
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	AST ¹	Afecções dos rins, dor.	CH	PT	0,3 8
POACEAE <i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	Capim meloso	Ex	Diabetes, dor nas pernas, gripe.	MC CH	PT	0,5 7
PROTEACEAE <i>Roupala Montana</i> Aubl.	Carne de vaca	BrCe ⁷	Cicatrizante	MC	EC	0,1 8
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Espinheira santa	Br ⁶	Antiinflamatório, Inchaço, dor na coluna, reumatismo.	CH	FLC S	0,6 3
RUBIACEAE <i>Palicourea</i> sp.	Dom Bernardo, bugrinho	BrCe ²	Afecções dos rins, e fígado, sopro cardíaco, hipertensão, hipocolesterolmiante, diurético	CH	FL RZ	0,7 7
<i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Stokes	Papaconha	Br ¹	Laxante, intestinal, mal estar, depurativo, dor, nasce dente em criança, febre, vermífuga.	CH	PT RZ	1,0 8
<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Bugre	BrCe ²	Afecções dos rins, chagas, emagrecedor, cardiotônico, hipertensão, depurativo.	CH MC	FL	0,8 3
<i>Uncaria</i> sp.	Unha de gato	ND	Depurativo, controla pressão, hipocolesterolmiante, gastrite.	CH, TN	FL, RZ	0,6 3
SALICACEAE <i>Casearia silvestris</i> S.W.	Tiuzinho	BrCe ²	Hipertensão	MC	RZ	0,1 8
SAPINDACEAE <i>Magonia pubescens</i> A.St-Hil.	Tinguí	BrCe ⁶	Cicatrizante	CH	CS	0,1 8
SIMAROUBACEAE <i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Calunga	BrCe ¹	Fígado, infecções.	MC TN	CS	0,3 8
SOLANACEAE <i>Cestrum sendtnerium</i> Mart.	Coirana	BrCe ²	Erisipela, trombose (somente uso externo)	CH	FL	0,3 8
<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panacéia	Br ¹	Afecções dos rins	CH	FL	
<i>Solanum lycocarpum</i> A.St-Hil.	Lobeira	BrCe ²	Afecções dos rins, coluna, pedra nos rins, antigripal, tosse, bronquite.	CH	FL FR	0,7 7
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	BrCe ²	Afecções do fígado, hepatite.	MC	FR	0,2 5

VERBENACEAE <i>Lantana camara</i> L.	Camará	Br ¹	Nasce dente em criança	CH	FL	0,1 8
<i>Lippia</i> sp.	Alecrim do mato, alecrim da vagem	ND	Sarampo, catapora, caxumba, antigripal, corta febre, afecções da garganta.	CH BN	FL	0,6 5
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich) Vahl.	Gervão	Br ¹	Infecção, hematomas, cicatrizante, anti-inflamatório.	CH	PT	0,7 6
	Chá podre, Cipó podre	ND	Intestinal, estomáquica, antidiarreica, hipertensão, depurativo, afecções do fígado e vesícula, hemorróidas, dor.	MC, SO BN	FL	1,5 5
VOCHYSIACEAE <i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terrão	BrCe ²	Antialérgico, antidiarreico.	CH	EC FL	0,5 0
<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau-Terra	BrCe ⁷	Estomáquico, antidiarreico, gastrite, afecções dos rins	CH MC	FL EC	0,7 0
<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil.	Folha larga	BrCe ⁶	Antigripal, antidiarreica, tosse.	CH	FR	0,5 3

NC= número de vezes em que a planta foi citada por informante, OB= Origem biogeográfica: BrCe= Cerrado, Br= Brasil, AST= América do Sul/América Tropical, Ex= Exótica, ND= Não determinada. MP= modo de preparo: CH= chá, MC= Maceração, TN=Tintura, BN= Banho, AL= Alcoolatura, X= xarope, D= Doce, VP= vapor, CP= Cataplasma, IN= *In natura*, SO= Sumo, SC= Suco, VN= Vinho. Parte utilizada (PU): CS= casca, EC= entrecasca, FL = folhas, FR= flores, FT= fruto, RZ = raiz, SM= sementes, PT= planta toda, LA=látex, OL= óleo, RS= resina. IR= Importância relativa. ¹Lorenzi e Matos (2002); ²Rodrigues e Carvalho (2001); ³Oliveira (2007); ⁴Carneiro e Irgang (2005); ⁵Lorenzi (2002b); ⁶Lorenzi (2002a); ⁷Souza e Lorenzi (2005).

Os banhos são preparados por meio do cozimento da parte especificada da planta, e segundo os informantes, devem ser sempre acompanhados da ingestão desse preparo medicinal (exceto nas plantas citadas como uso externo), antes de realizar o banho, para que a “doença não se recolha para dentro do corpo”. Todas as tinturas citadas referem-se ao preparo da parte da planta a ser utilizada com cachaça, como observado também por Moreira e colaboradores (2002) em abordagem etnobotânica à população de Vila Cachoeira, Ilhéus – BA. A cachaça é um importante produto da economia local, já arraigado na cultura da população de Vista Alegre há várias décadas, inclusive na confecção dos remédios caseiros, como se pôde constatar. A alcoolatura refere-se à tintura preparada com álcool comum, utilizada pelos informantes apenas para uso externo.

A espécie que apresentou maior importância relativa (IR) foi emburana (*Amburana cearensis*) (TABELA 1), com IR= 2,0; espécie presente na Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2015) juntamente com *Myracrodruon urundeuva*. *Amburana cearensis* apresentou grande versatilidade de uso aliada ao maior número de citações pelos entrevistados, é citada por Canuto, Silveira e Bezerra (2010) como espécie de grande importância econômica, largamente empregada na medicina popular. Ainda segundo Canuto, Silveira e Bezerra (2010), a eficácia das suas propriedades medicinais é comprovada por estudos farmacológicos realizados a partir do extrato hidroalcoólico da casca do caule, e seus constituintes químicos demonstraram atividades analgésica, broncodilatadora e anti-inflamatória. Além das indicações de uso citadas, no presente estudo *A. cearensis*

também é utilizada em casos de anemia, sinusite, dores de cabeça e no corpo, prisão de ventre, calmante e até para amenizar o efeito do veneno em casos de picada de cobra.

A segunda espécie com maior importância relativa foi canela de perdiz (*Croton antisyphiliticus*), com IR= 1,6; seguida pelo chá podre (Verbenaceae) com IR= 1,55. *Croton antisyphiliticus* é descrita por Oliveira e colaboradores (2011) como uma espécie que, segundo dados etnofarmacológicos, é utilizada no tratamento de algumas doenças sexualmente transmissíveis e de infecções do sistema reprodutor feminino e masculino. No presente estudo, *C. antisyphiliticus* foi citado como depurativo do sangue, cicatrizante e anti-inflamatório. A mangaba (*Hancornia speciosa*) obteve a quarta maior importância relativa, juntamente com a sucupira (*Pterodon emarginatus*), ambas com IR= 1,35. No estudo realizado por Macedo e colaboradores (2015), em uma mancha de cerrado em Pernambuco, *H. speciosa* foi citada no tratamento da gastrite, problemas de tireóide e câncer. Segundo os autores, o extrato etanólico das folhas de *H. speciosa* apresentou atividade anti-hipertensiva e anti-inflamatória, indicações encontradas também no presente estudo. A carqueja (*Baccharis trimera*) também se destacou em importância relativa (1,32), seguida pela catinga de porco (*Sclerolobium aureum*), com IR= 1,31. Todas as espécies supracitadas, que obtiveram destaque em importância relativa, são nativas do bioma Cerrado.

A importância relativa considera as espécies pelo número de citações, aliada à versatilidade de usos que a mesma apresenta (OLIVEIRA, 2007; SILVA et al., 2010), e, portanto, espécies como o Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), que apresentou um número alto de citações (22), mas não apresentou versatilidade de uso, não se encontra entre as espécies com maior importância relativa. Contudo, espécies com alto número de citações e baixa versatilidade de usos podem caracterizar espécies com alta especificidade no tratamento de determinado sistema corporal ou doença. *Stryphnodendron adstringens* é citado por outros autores (OLIVEIRA e MENINI NETO, 2012; ALVES e POVH, 2013), bem como o gênero *Stryphnodendron* spp. como potencialmente cicatrizante, inclusive em afecções do sistema gastrointestinal, em casos de úlcera e gastrite.

Entre as doenças mais citadas pelos entrevistados estão as relativas aos transtornos do sistema gastrointestinal, TSGI (17%), sendo mais expressivas aquelas ligadas ao estômago (TABELA 2). A predominância de indicação de espécies para tratamento do sistema gastrointestinal também foi observada por Medeiros, Fonseca e Andreato (2004) no Rio de Janeiro, RJ. Em seguida estão os transtornos do sistema geniturinário, TSGU (11%) e doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo.

TABELA 2 - Porcentagem de citação de plantas medicinais utilizadas para cada sistema corporal citadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções.

Sistemas corporais	Sigla	Porcentagem %
Sistema Gastrointestinal	TSGI	17%
Sistema Geniturinário	TSGU	11%
Glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo	DGNM	9%
Doenças Infeciosas	DI	9%
Doenças Pele e tecido subcutâneo	DPTS	9%
Transtornos do sistema circulatório	TSC	9%
Afecções não definidas ou dores não definidas	AND	8%

Doenças do Sangue e órgãos hematopoiéticos	DSH	7%
Sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	DOC	5%
Transtornos do sistema respiratório	TSR	4%
Doenças parasitárias	DP	3,5%
Transtornos do sistema nervoso	TSN	3%
Doenças sexualmente transmissíveis	DST	1,5%
Neoplasias	N	1,5%
Inapetência sexual	IS	1%
Picada de cobra	PC	1%
Transtornos do sistema visual	TSV	0,5%

No levantamento da origem biogeográfica das espécies identificadas, a maioria ocorre no Brasil (85%), e 52% são nativas do Cerrado (**TABELA 1**). Em um estudo com plantas nativas do cerrado no Assentamento Vale Verde, no Tocantins, Bessa e colaboradores (2013) encontraram um total de 43,7% de espécies nativas, valor considerado alto pelos autores. A importância do bioma cerrado está ligada principalmente à alta diversidade de plantas e ao alto endemismo presentes nesse bioma (NETO e MORAIS, 2003; KLINK e MACHADO, 2005). Apesar de sua importância, o cerrado é um dos 17 ecossistemas mais degradados do mundo, e apenas de 22% de suas espécies estão registradas (ALVES POVH, 2013). O conhecimento científico a respeito das plantas medicinais presentes nesse bioma ainda é incipiente, e embora algumas espécies sejam de amplo conhecimento popular, o número de informações sobre essas espécies tem crescido apenas 8% anualmente (SILVA et al., 2010; BESSA et al., 2013). Com o desmatamento e os processos de antropização em áreas de cerrado, a perda de recursos naturais é crescente, os recursos medicinais ficam cada vez mais escassos e a cultura popular acerca da manipulação de espécies para produção de medicamentos caseiros cai em desuso, fazendo com que a população dependa cada vez mais de drogas farmacológicas (NETO e MORAIS, 2003). Assim, além de registrar a relação das populações locais com as plantas medicinais, os estudos etnobotânicos também podem contribuir para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas, beneficiando recursos que promovam o uso e manejo sustentáveis se contrapondo às formas de devastação atual (ALVES e POVH, 2013).

Souza (2007) discorre ainda sobre a importância da implantação de projetos de manejo em áreas nativas do Cerrado, fazendo com que a sociedade participe da conservação dos recursos juntamente com o poder público. E, ainda, cita que os estudos etnobotânicos realizados geram ferramentas para avaliar os recursos vegetais utilizados nessas áreas, e auxiliam no desenvolvimento de propostas de uso sustentável das mesmas, como forma de conservação.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa corroboram com diversos trabalhos etnobotânicos que apontam para uma falha na transmissão cultural do conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais. Contudo, a alta porcentagem de plantas medicinais nativas do Cerrado levantadas mostra que os entrevistados do distrito de Vista Alegre possuem um vasto conhecimento sobre a flora local. Sendo assim, ainda é possível resgatar

esse conhecimento a fim de que ele não se perca frente às pressões exercidas pelos sistemas de vida atuais sobre a comunidade em questão.

Levantamentos etnobotânicos em regiões do bioma Cerrado são de grande valia no estudo da flora e das relações que permeiam o ser humano e as plantas. Apesar da grande diversidade química e taxonômica apresentada pelo bioma, pouco se conhece sobre sua flora, fator que muitas vezes se apresenta como entrave à conservação. Há, portanto, a necessidade de se proceder à amostragem e catalogação das espécies do Cerrado, principalmente aquelas já utilizadas pelas comunidades regionais.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In Albuquerque UP de org., LUCENA, R. F.P; CUNHA, L. V. F. C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA). p. 39– 64. Recife-PE, Brasil. 2010.
- ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, *Revista Biotemas*, v. 26, n. 3, p. 232-242. Ituiutaba, MG. 2013. ISSN 2175-7925. [[CrossRef](#)]
- ALVES, O. E; MOTA, H. J.; SOARES, T. S.; VIEIRA, M. C.; Silva, C. B. D. Levantamento etnobotânico e caracterização de plantas medicinais em fragmentos florestais de dourados–MS. *Ciência e Agrotecnologia*, v. 32, n. 2, p. 651-658. Lavras. 2008. ISSN 1981-1829. [[CrossRef](#)]
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Redalyc. Interciência*, v. 27, n. 6, p. 276-285. Caracas. 2002. ISSN 0378-1844.
- BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. Springer. *Economic Botany*, v. 54, n. 1, p. 90-102. 2000. ISSN 1874-9364. [[CrossRef](#)]
- BESSA, N. G. F.; BORGES, J. C. M.; BESERRA, F. P.; CARVALHO, R. H. A. Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento vale verde – Tocantins. *SciELO. Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 15, n. 4, p. 692-707. Botucatu. 2013. ISSN 1516-0572. [[CrossRef](#)]
- BRASIL. Ministério da Educação/Ministério da Saúde; Secretaria de Ciência; Tecnologia e Insumo Estratégicos; Departamento de Assistência Farmacêutica. *A fitoterapia no SUS e o programa de pesquisas de plantas medicinais da central de medicamentos*. 2006a. Brasília: Ministério da Saúde, 148 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. *Política Nacional de Plantas medicinais e fitoterápicos*. 2006b. Brasília: Ministério da Saúde, 60 p.
- CANUTO, K. M.; SILVEIRA, E. R.; BEZERRA, A. M. E. Estudo fitoquímico de espécimes cultivados de cumaru (*Amburana cearensis* A. C. Smith.). *SBQ. Química Nova*, v.33, n. 3, p.662-666. São Paulo. 2010. ISSN 0100-4042. [[CrossRef](#)]

CARNEIRO, A. M.; IRGANG, B. E. Origem e distribuição geográfica das espécies ruderais da Vila de Santo Amaro. General Câmara, Rio Grande do Sul. *Série Botânica*, v. 60, n. 2, p. 175-188. Porto Alegre. 2005.

DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza*. 2ª ed., Annablume, 290 p., São Paulo. 2000. ISBN 85.271.0547-0.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. SciELO. *Acta Botanica Brasilica*, v. 18, n. 1, p. 177-190. São Paulo. 2004. ISSN 1677-941X. [[CrossRef](#)]

FREIRE, M. F. I.; ABREU, H. S.; FREIRE, R. B. O potencial antifúngico de substâncias produzidas por plantas da família Asteraceae. UFRRJ. *Floresta e Ambiente*, v. 3, p. 108 - 118. Seropédica, RJ. 1996. [[Link](#)]

HOEFFEL, J. L. M.; GONÇALVES, N. M.; FADINI, A. A. B.; SEIXS, S. R. C. Conhecimento tradicional e uso plantas medicinais nas APAS'S Cantareiras - SP e Fernão Dias - MG. *Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade*. 2011. [[Link](#)]

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p.148-155. São Paulo. 2005.

JUNIOR, V. F. V. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. SciELO. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.18, v. 2, p. 308-313. João Pessoa. 2008. ISSN 1981-528X. [[CrossRef](#)]

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 512p., 2002. ISBN 8586714186.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 2ª ed., Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, v.1, 368p., 2002a. ISBN 858671416X.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 4ª ed., Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, v. 2, 352p. 2002b. ISBN 8586714143.

MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro – RJ, Brasil: Estudo de caso nas zonas Norte e Sul. SciELO. *Acta Botanica Brasilica*, v. 21, n. 2, p. 263-275. São Paulo. 2007. ISSN 1677-941X. [[CrossRef](#)]

MACÊDO, M. S.; RIBEIRO, D. A.; SOUZA, M. M. A. Uso de plantas medicinais cultivadas em uma área de caatinga em Assaré-Ceará. *Cadernos de Cultura e Ciência*, v.12, n. 1, p. 36-45. Cariri. 2013. ISSN 1980-5861. [[CrossRef](#)]

MACÊDO, D. G.; RIBEIRO, D. A.; COUTINHO, H. D. M.; MENEZES, I. R. A.; SOUZA, M. M. A. Práticas terapêuticas tradicionais: uso e conhecimento de plantas do cerrado no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 14, n. 6, p. 491-508. Santiago, Chile. 2015. ISSN 0717 7917.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da reserva de Rio das Pedras, Mangaratiba, Rio de Janeiro, Brasil. *SciELO. Acta Botânica Brasileira*, v.18, p. 391-399. Belo Horizonte. 2004. ISSN 0102.3306. [[CrossRef](#)]

MENDONÇA, R.C. Flora vascular do cerrado. In SANO S.M., ALMEIDA, S.P: *Cerrado: Ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA – CPAC, p. 289-556. 1998.

MELO, S.; LACERDA, V. D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Rodriguésia*, v. 59, n. 4, p. 799-812. Rio de Janeiro. 2008. ISSN 2175-7860.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE–MMA. 2015. Disponível em: [[Link](#)]. Acessado em: março de 2016.

MOREIRA, R.; COSTA, L.; COSTA, R.; ROCHA, E. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia. *Acta Farmacêutica Bonaerense*, v. 21, n. 3, p. 205-211. Buenos Aires. 2002. ISSN 0326-2383.

NETO, G. G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *SciELO. Acta Botânica Brasileira*, v. 17, n. 4, p. 561-584. São Paulo. 2003. ISSN 1677-941X. [[CrossRef](#)]

OLIVEIRA-FILHO, A.T.; RATTER, J. A. Vegetation physionomies and woody flora of the cerrado biome. In OLIVEIRA, O. S.; MARQUIS, R. J. *The cerrados of Brasil. Ecology in Natural History of a Neotropical Savanna*. New York: Columbia University Press, p. 91-120. 2002.

OLIVEIRA, G. L. Etnobotânica nordestina: plantas medicinais da comunidade Muribeca (Jaboatão dos Guararapes – PE, Brasil). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em biologia vegetal, UFPE, p. 64. Recife, 2007.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.14, n. 2, p. 311-320. Botucatu, São Paulo, 2012. ISSN 1516-0572. [[CrossRef](#)]

OLIVEIRA, T. G.; PINA, P. S. S.; BERTONI, B. W.; FRANÇA, S. C.; PEREIRA, A. M. S. Micropropagação de *Croton antisiphiliticus* Mart. *Ciência Rural*, v. 41, n. 10, p. 1712-1718. Santa Maria. 2011. ISSN 1678-4596. [[CrossRef](#)]

PREFEITURA MUNICIPAL DE CLARO DOS POÇOÕES. Disponível em: [[Link](#)] Acesso em: junho de 2015. 2015.

RIGONATO, V. D.; ALMEIDA, M. G. As fitofisionomias e a interrelação das populações tradicionais com o bioma cerrado. In: *Cultura, conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado*. POCPG/CNPq. 2003.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. *Ciência e Agrotecnologia*, v. 25, n. 1, p. 102-123. Lavras. 2001. ISSN 1981-1829.

SANTOS, R. M.; VIEIRA, F. A.; FAGUNDES, M.; NUNES, Y. R. F.; GUSMÃO, E. Riqueza e similaridade florística de oito remanescentes florestais no norte de Minas Gerais, Brasil. *Revista Árvore*, v. 31, n. 1, p. 135-144. Viçosa. 2007. ISSN 1806-9088. [[CrossRef](#)]

SCARIOT, A.; SOUZA-SILVA, J. C.; FELFILI, J. M. *Cerrado: ecologia, biodiversidade e conservação*. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2005.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, Brasil. *SciELO. Acta Botanica Brasilica*, v. 22, n. 2, p.481-492. Belo Horizonte. 2008. ISSN 0102-3306. [[CrossRef](#)]

SILVA, V. A.; NASCIMENTO, V. T.; SOLDATI, G. T.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA)*, p. 187-206. Recife, 2010.

SOUZA, L. F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 9, n. 4, p. 44 - 54. Botucatu, 2007. ISSN 1516-0572.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de angiosperma da flora brasileira, baseado em APG II*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 639 p., 2005. ISBN 8586714216.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *SciELO. Acta Amazonica*, v. 44, n. 4, p. 457 - 472. Manaus. 2014. ISSN 0044-5967. [[CrossRef](#)]

VIU, A. F. M.; Viu, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 5, n. 1, 138-147. Goiânia. 2010. ISSN 1980-9735.

Conflito de interesses: O presente artigo não apresenta conflitos de interesse.

Histórico do artigo: Submissão: 30/06/2016 | Aceite: 04/04/2017 | Publicação: 22/09/2017

Como citar este artigo: FAGUNDES, Nathalle C. A.; OLIVEIRA, Gisele L.; SOUZA, Betânia G. de. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poçoões – Minas Gerais. *Revista Fitos*. v.11, n.1. p. 62-80. Rio de Janeiro. 2017. e-ISSN 2446.4775. Disponível em: <<http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/355>>. Acesso em: 11 maio 2017.

Licença CC BY 4.0: Você está livre para copiar e redistribuir o material em qualquer meio; adaptar, transformar e construir sobre este material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente, desde que respeitado o seguinte termo: dar crédito apropriado e indicar se alterações foram feitas. Você não pode atribuir termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam outros autores de realizar aquilo que esta licença permite.
